

## Os dois Pimentas

Dos homens e dos intelectuais da minha juventude de quando aportei, há 48 anos, a Lisboa para contactos com a Universidade e as tertúlias literárias da época, recordo-me vivamente, e com particular retenção, de Gualdino Gomes e de Alfredo Pimenta. Para os meus poucos mais de 20 anos, havia de comum, nessas figuras destacadas e faladas de então, o mesmo traço de excentricidade no vestir, e a mesma ágil maneira de esgrimir, embora com características próprias, o florete da ironia e da agressividade. Uma diferença, no entanto: Gualdino arremessava pedras verbais; Pimenta, escritas.

Nesse Chiado, que ainda rescendia um pouco ao seu período áureo queiroziano e da ramalhal figura, e das andanças do íntegro Herculano, entre Vale de Lobos e a “Bertrand” — nesse Chiado, que hoje é um confrangedor e generalizado “saldo” popular, via eu, em “A Brasileira”, Gualdino; na antiga livraria “Portugália”, na rua do Carmo, Pimenta.

O primeiro, esguio, espiritual, D’Artagnan da palavra, de face alongada e angulosa, terminada por uma pequena pera branca, em riste, todo vestido de negro, erecto e austero, como um cipreste, de chapéu de aba larga; o segundo, baixo e gordo, também trajando de preto, de ampla capa a esvoaçar e chapéu largo, luvas amarelas, e monóculo desafiante. D’Artagnan da escrita. Óscar Wilde do talento e da fantasia.

Politicamente, Alfredo Pimenta, de que ocorre o centenário natalício a 3 de Dezembro de 1982, foi de tudo, e não foi de nada. Foi, sobretudo, plenamente independente, e materialmente desinteressado. Quer como simpatizante do anarquismo, da República, da Monarquia, ou do Estado Novo Corporativo de 1933, saído da Revolução do 28 de Maio.

Foi, principalmente, e até morrer, um inconformista, contra aquilo que na vida, no mundo das relações políticas e culturais, lhe parecia errado. Poeta de grande inspiração (“...Mas quando a minha boca se poisava/Na tua carne em flor, que desmaiava,-A tua linda mão ressuscitou.../E eu fiquei sem saber, e com razão,/Se fui eu

que beijei a tua mão,/ Se foi a tua mão que me beijou...”), foi porém na crítica e na polémica, literária, política, e na esfera da cultura em geral, que ele mais se evidenciou e mais vasta bibliografia deixou.

No campo da literatura, Augusto Gil não escaparia ao florete verrinoso de Pimenta, aquando da publicação do formoso livro do consagrado lírico, “Alba Plena”. Gil replicaria de pronto, com mal disfarçado ressentimento: “Ó críticos de furta-cores (de furta-cores é com ele) / Que de talento dais cartas / A vis rabiscadores (é ele que se chama talento a si mesmo) / Ide ao raio que vos parta / Não preciso de favores!”

Mas Alfredo Pimenta, no meio do seu inconformismo nato, temperamental, sentia o desejo de se recolher, de se afastar da multidão, do mundo com o qual se encontrava, quase morbidamente, em permanente conflito, em frontal desacordo. Não contra os homens, mas contra as ideias. Daí a vontade de se isolar, para melhor pensar e sonhar, na sua “Cidade dos livros”, como em “O Crime de Silvestre Bonnard”, de Anatole. Das suas “Cartas A Um Esteta”, que tenho na minha frente, em edição de 1917 oferecida a meu pai, ressalta essa preocupação: “A tua casa, meu Amigo! Velha de séculos, teatro de comoções intensamente dramáticas, museu vivido de raridades e luxos, ela é ainda o único ponto da terra para onde eu, nesta hora de profundo tédio, de infinito desdém, olho com ternura, com encantamento, enquanto saboreio, com volúpia e pecado, goles lentos e cansados de chá frio...” E o poeta inspirado de “Paisagem de Orquídeas”, de onde extraí os lindos versos atrás transcritos, prossegue no seu melancólico desabafo: “A tua casa é um amor. É um amor, porque nela não há a luz árida e magoante da rua. Tudo na tua casa é escuro, porque todas as cores, nela, são sombrias. Tão profunda é a sombra que a anima, que todos nós, vivendo nela, somos sombras, sombriamente vivendo. E o silêncio da tua casa! Os passos morrem nas alcantifas; as vozes esbatem-se nos reposteiros. Não há gritos, não há impropérios — há o murmúrio líquido das almas errantes, e as palavras discretas das almas encantadas. A tua casa, ilha perdida num oceano ignorado, cerrou os olhos ao Presente, e vive calada, fechada, abandonada, a vida intensa das recordações”.

Nestas páginas, está todo o drama íntimo, do extrovertido-introvertido Pimenta. Como um general, a um tempo pacifista e destemido, sentia-se atraído para a luta, as batalhas, mas, no seu foro recôndito, amava a paz.

• • •

De entre os papéis velhos de meu pai, de escritores famosos, deparei com uma carta de Alfredo Pimenta, sem data, apenas com a indicação de “5.<sup>a</sup>-feira”. No lado superior esquerdo, o carimbo “Alfredo Pimenta, Lisboa”.

A carta reflecte a afabilidade e a camaradagem do escritor e poeta, bem longe do truculento e iconoclasta crítico por que era conhecido e temido.

Rezava assim: “Meu querido Amigo: Que envergonhado estou! De vergonha tolhido nem me atrevo a erguer os meus olhos para os seus olhos. Mas perdoe. Se amanhã tiver diante de si, na mesa das operações (meu pai era médico), um doente já de ventre aberto, o meu amigo não poisa o canivete enquanto não tiver cortado, nem tira as luvas antes da operação terminada. Eu recebi o seu lindo livro — livro de um poeta acima de tudo! — em plano ante operatório. Só ontem acabei mais esse trabalho, e aqui me tem a apertar nas minhas as suas mãos amigas, e a dizer-lhe um muito obrigado sincero e comovido por se ter lembrado de mim. Páginas leves e suaves escritas com a pena que tem tecido versos que a gente lê e ama — são as suas páginas. Eu sou já um tronco rachado de lenha que atira o machado aos robles e aos cedros, mas quando paro, extenuado, e descanso um minuto, sinto gosto de ouvir búbios cantar e violetas florir... Adeus. Do C. muito amigo, A. P.”

Reflecte ainda esta carta, na sua parte final, os tais dois Pimentas que se afrontavam: — o poeta, o intimista, o que deseja uma casa tranquila, votada às recordações reconfortantes; e o crítico áspero, aguerrido, o “tronco rachado de lenha que atira o machado aos robles e aos cedros”, que anseia, cansado, pela paz idílica das ambiências primaveris...

*João Patrício*